

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE AS PROPAROXÍTONAS E O SISTEMA ACENTUAL DO PORTUGUÊS

GABRIEL ANTUNES DE ARAUJO
(USP)
ZWINGLIO O. GUIMARÃES-FILHO
(USP)
LEONARDO OLIVEIRA
(UNICAMP)
MÁRIO EDUARDO VIARO
(USP)

ABSTRACT: In Brazilian Portuguese, words with antepenultimate syllable stress are regarded as exceptions to lexical stress rules. Evidence for their exceptionality has been given in the literature: the late introduction of these words in the language, the predominant occurrence of the antepenultimate syllable stress in low frequency words, and the tendency of the language to shift stress to the penultimate syllable. Using a corpus of 18,413 words with antepenultimate stress and their respective phonological transcription from the Houaiss dictionary (HOUAISS & VILLAR 2001), we argue that these claims are not always accurate and that words with antepenultimate stress are a long established and consistent pattern in the language. Furthermore, we show that stress shift to the penultimate syllable is not the rule, but it is only one possibility, restricted by the phonotactics of the language, and that preservation of antepenultimate stress is far more frequent. The data and analyses presented in this paper argue that prediction of lexical stress in Brazilian Portuguese must include words with the antepenultimate pattern, as there is no evidence that they are either disappearing in the language or being avoided by speakers.

0. INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é ampliar o estudo publicado por ARAUJO & OLIVEIRA (2006), utilizando, para tanto, um *corpus* amplo, com 18.413 palavras proparoxítonas, todas presentes no Dicionário Houaiss (HOUAISS & VILLAR 2001, doravante DH). Naquele estudo, os autores apresentam uma análise baseada em um *corpus* de 316 palavras proparoxítonas e 319 paroxítonas escolhidas aleatoriamente. Dessa forma, com base em uma amostra significativamente mais ampla, pretendemos verificar a validade dos argumentos apresentados naquele artigo.

ARAUJO & OLIVEIRA (2006) mostraram como as palavras proparoxítonas têm sido tratadas nos trabalhos que discutem o acento primário no português do Brasil (doravante PB). Ao defenderem que as proparoxítonas pertencem à gramática do português, embora sejam freqüentemente desconsideradas ou rejeitadas nas análises, os autores afirmam que

qualquer teoria sobre o acento deveria, necessariamente, levar em consideração o estatuto dessas palavras.

A partir do DH, foi construído um *corpus* com 150.875 palavras. Trata-se, portanto, de um *corpus* de língua escrita composto de verbetes não-lematizados. Foram eliminadas, manualmente, palavras constituídas por abreviações, siglas, elementos de composição e estrangeirismos não adaptados ao português (como *aardvark*, por exemplo), bem como os homônimos e as palavras hifenizadas, formadas por justaposição. Este *corpus* foi trabalhado com o uso de programas computacionais, desenvolvidos na plataforma MatLab (*The MathWorks, Inc.*, 1984-2002)¹. O programa permitiu que as palavras fossem separadas em sílabas, tivessem a sílaba tônica localizada e qualificada, transcritas em alfabeto fonético, transliteradas em uma notação fonológica, e permitiam, ainda, localização e manipulação artificial das epênteses. Para casos complexos de transliteração, como os oferecidos pelos grafemas *x*, *e*, *o*, utilizamos a ortoépia fornecida pelo dicionário. As separações e transcrições fonéticas foram submetidas, por amostragem, a uma verificação manual de 2.500 palavras (13,6% do *corpus* das proparoxítonas) e, por meio dela, pode-se estipular que a margem de erro foi inferior a 0,5%.

O texto está organizado da seguinte forma: inicialmente, as principais descrições das proparoxítonas no PB serão resumidas. Em seguida, mostraremos que essas descrições falham ao desconsiderar as proparoxítonas como um traço marcante da língua. Essa rejeição se baseia normalmente nos processos de redução (síncope e apócope) que as transformam em paroxítonas e na suposta baixa frequência das proparoxítonas. Apresentaremos, para tal, uma análise dos contextos fônicos em que poderiam ocorrer as reduções, levando-se em conta as 18.413 palavras proparoxítonas do *corpus*. A frequência de uso das proparoxítonas foi avaliada, dessa vez, considerando-se sua ocorrência em páginas da *internet* em português indexadas pelo *site* de buscas Google. Ao mesmo tempo, mostraremos que os processos de redução são restritos e não gerais, como defendido na literatura. Em seguida, apresentaremos dados que demonstrarão que a introdução de palavras proparoxítonas na língua se deu, sobretudo, nos séculos XIII e XIX e não somente no século XVI. Posteriormente, abordaremos a questão da qualidade das vogais na sílaba tônica das proparoxítonas. E, por fim, no sumário e nas conclusões, discutiremos o tema da percepção na manutenção do acento proparoxítono no português.

1. AS PROPAROXÍTONAS

A literatura que trata do acento lexical no PB (cf. CÂMARA JR 1970, LEITE 1974, ANDRADE 1994, BISOL 1992, 1994, MATEUS 1996, MASSINI-CAGLIARI 1999, CAGLIARI 1999, SÂNDALO 1999, LEE 1995, 2004, AMARAL 2002, *inter alios*) afirma, em geral, que o acento na penúltima sílaba é o padrão, enquanto que acentos na última (oxítone) e na antepenúltima (proparoxítone) sílabas são desvios. CÂMARA JR (1970) afirma que o acento é distintivo e imprevisível.

¹ Trabalho desenvolvido por Zwingli o Guimarães-Filho e Leandro Mariano (ambos do Instituto de Física da USP), integrados no grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP), liderado por Mário Eduardo Viaro (<http://www.usp.br/gmhp>).

Assim, o autor oferece uma série de pares mínimos acentuais que incluem palavras da mesma categoria (substantivos: s) e palavras de categorias diferentes (substantivo s / verbo: v).

- (1) *Oxítone/paroxítone*
 bati (v) bate (v)
 Pará (s) pára (v)
- (2) *Paroxítone/proparoxítone*
 duvida (v) dúvida (s)
 secretaria (s) secretária (s)
 analise (v) análise (s)

LEITE (1974) propõe uma análise gerativa para o acento em português e conclui que a acentuação nos substantivos é diferente da dos verbos, pois não é possível utilizar o mesmo conjunto de regras para ambos. Além disso, há uma série de condições para a aplicação das regras. Portanto, sua proposta, que inclui regras para cada tipo de acentuação (bem como as consideradas “especiais”, para determinados sufixos como, por exemplo, os indicadores de superlativo e de diminutivo), é bem distinta da proposta de Câmara Jr. Leite não descarta as proparoxítonas, nem as rotula como excepcionais. Ao contrário, cria uma regra para explicá-las. De uma maneira geral, todos os autores posteriores a LEITE (1974) afirmam que o padrão proparoxítono é marcado, ou mesmo não-natural, para a acentuação da língua portuguesa.

As análises posteriores a LEITE baseiam-se na teoria métrica ou na teoria da otimalidade. BISOL (1992, 1994), por exemplo, apresenta uma regra que inclui os verbos e os não-verbos recorrendo ao recurso da extrametricalidade para dar conta de exemplos residuais. A extrametricalidade tem a função de tornar elementos (em geral sílabas ou codas) invisíveis à aplicação da regra. Assim, todas as palavras proparoxítonas têm a sílaba final extramétrica. No que diz respeito ao verbo, a extrametricalidade é condicionada morfológicamente. Isso resulta em um problema para a teoria fonológica, pois a análise unificadora não é prevista, nesses termos, pela teoria. Ademais, Bisol assume que o caso não-marcado para o não-verbo é marcado para o verbo. Além disso, algumas regras fonológicas que se aplicam aos não-verbos não se aplicam aos verbos.

SÂNDALO (1999), por sua vez, sugere que as formas proparoxítonas são mantidas no português padrão por meio da pressão da gramática normativa. Assim, ela cita o exemplo ‘abóbora’ que possuiria duas formas: [a^hbɔbrɐ], a forma fonética ótima, e [a^lbɔbrɐ], a forma sub-ótima, mantida na língua, graças à pressão da gramática normativa ou por ser sociolingüísticamente marcada.

LEE (1995: 141) afirma que ‘na maioria das palavras do português, o acento cai na penúltima sílaba’. Ao mesmo tempo, COLLISCHONN (1999: 140) afirma que ‘podemos considerar que o acento proparoxítono é marcado, no sentido de que é menos usual. É um acento especial, contrário à tendência geral de acentuar a penúltima sílaba’, embora não fique claro, no texto, o cálculo utilizado pela autora para a frequência dessas palavras proparoxítonas. De fato, análises estatísticas como a de VIARO & GUIMARÃES-FILHO (2007)

indicam que cerca de 62% das palavras lematizadas do DH são paroxítonas (este percentual sobe para 72% quando se consideram também os verbetes flexionados). Após avaliar a análise de BISOL (1994) e propor sua própria análise, LEE (1995: 152-165) afirma que as proparoxítonas, sobretudo aquelas terminadas em sílabas pesadas, continuam problemáticas por se tratarem de um padrão excepcional. Como solução temporária, Lee assume que essas palavras são marcadas na representação subjacente, ou seja, marcadas no Léxico.

LEE (2004) mostra que o processo de síncope — o apagamento de fonema no interior da palavra — poderia sugerir que as proparoxítonas são comumente rejeitadas no português. Essa noção é crucial para se desqualificar as proparoxítonas na teoria do acento de Lee, pois, mostrando que as proparoxítonas tendem à síncope, restariam à análise apenas as paroxítonas e as oxítonas. Baseado em MASSINI-CAGLIARI (1999), assume não só que as sílabas finais são extramétricas, ao lado do processo de síncope, mas também mostra uma tendência das proparoxítonas tornarem-se paroxítonas.

- | | | | | | |
|-----|-----------|-------------|---|------------------------|---------------|
| (3) | cor(re)go | có rre <go> | → | [^h kɔrgu] | |
| | fósf(o)ro | fós.fo <ro> | → | [^h fɔsfɾu] | |
| | abób(o)ra | | → | [a ^h bɔbrɐ] | cf. abobrinha |
| | óc(u)los | | → | [^h ɔklus] | cf. oclinhos |
- (adaptado de LEE 2004: 5)

Uma outra hipótese, amplamente aceita, sugere que as palavras proparoxítonas entraram na língua portuguesa na Renascença (século XVI) graças ao uso de termos eruditos do latim e do grego (cf. WILLIAMS 1975:28-29). Pretendemos avaliar essa hipótese cruzando dados das proparoxítonas com as datas da informação etimológica do DH.

Dessa forma, pode-se concluir que a literatura, de uma forma geral, ‘resolve’ a questão das palavras proparoxítonas considerando-as exceções às regras de acento². Os argumentos comumente apresentados baseiam-se, sobretudo, na:

- | | | |
|-----|----------|---|
| (4) | <i>a</i> | baixa frequência absoluta (em relação às não-proparoxítonas) |
| | <i>b</i> | síncope da vogal na sílaba pós-tônica ou extrametricalidade da vogal/sílaba final |
| | <i>c</i> | introdução tardia na língua (século XVI) |

Para avaliarmos cada um desses argumentos, foi analisada uma amostra de 18.413 proparoxítonas. As informações diacrônicas, no entanto, foram obtidas das 10.590 palavras da amostra que possuíam datação. Tendo em mãos essa lista com as datas de introdução na língua, fornecidas pelo DH, as proparoxítonas foram avaliadas com o auxílio de programas na linguagem *MatLab*, com respeito à:

² A raiz dessa rejeição, no entanto, não se sustenta cientificamente, como veremos, e sua causa talvez possa ser encontrada na tradicional exclusão *in limine* das proparoxítonas nas regras de acentuação gráfica, formalizada por meio da frase ‘todas as proparoxítonas são acentuadas’.

- (5) a *Síncope*: a mudança do acento proparoxítono para paroxítono a partir da queda da vogal pós-tônica.
 b *Consoantes* circunvizinhas à vogal acentuada.
 c *Introdução na língua*: a data do primeiro registro escrito, segundo o DH. Uma vez que muitas palavras foram registradas somente pelo século de aparição nos documentos, trabalhamos apenas com os séculos.
 d *Frequência de uso* normalizada da ocorrência da palavra no corpus de páginas em português do banco de dados do Google³ no dia 18/7/2006.
 e *Qualidade da vogal* acentuada.

2. APAGAMENTO VOCÁLICO E CONTEXTO FÔNICO

Defenderemos que, a princípio, as palavras proparoxítonas não deveriam ser estranhas ao PB, pois havia proparoxítonas no latim e muitas das palavras proparoxítonas do português são originárias de empréstimos do latim e do grego. A gramática histórica nomeia estes empréstimos como eruditismos. Uma vez que a mudança do acento na antepenúltima para a penúltima sílaba foi comum na passagem do latim para o português, alguns autores generalizaram essa regra e passaram a defender que a mudança ainda é amplamente ativa no PB. MASSINI-CAGLIARI (2007, no prelo) afirma que o padrão acentual proparoxítona é excepcional no Português Arcaico: “Como exemplos de nomes proparoxítonos mapeados no *corpus* de cantigas religiosas, podem ser citados: *prologo, angeo, espirito, dicipolo, ydolo, letera, filosofo, poboo, crerigo, paravoa, sabado, camara, lampada, Evora, folego, duvida, citola, perigoo, vespera, Pascoa, Theophilo*, etc. Note-se que todas essas palavras são proparoxítonas terminadas em duas sílabas leves. Entretanto, há também casos (raríssimos) de proparoxítonas em que uma das duas últimas sílabas é pesada, porque travada por consoante — exemplos: *Locifer, mercores, Princeps*⁴, *omões/omees*.” Ademais, MASSINI-CAGLIARI (2007) acrescenta que “processos fonológicos que transformam antigas proparoxítonas em paroxítonas são bastante atestados” nas Cantigas de Santa Maria, como por exemplo: *perigo vs periglo, perigoo; poboo vs. pobro e poblo*.

Indicando as sílabas leves por L e as pesadas por P, as palavras proparoxítonas são formadas por sete categorias (contando-se somente as três sílabas finais), como em (6). O negrito indica o acento tônico. Convém mencionar que o padrão PPP não foi encontrado no *corpus*.

³ A contagem do algoritmo de busca não é muito precisa acima de 100 mil ocorrências absolutas, conforme discutido na literatura (cf. <http://itre.cis.upenn.edu/~myl/language/og/archives/002373.html>).

⁴ No entanto, é preciso perceber que a palavra *Locifer* pode ser oxítone, uma vez que a passagem dos *u* para *o* são incomuns nas tônicas, mas comuns nas pretônicas. Nas *Cantigas de Santa Maria* 27: 6, os três primeiros pés dos versos hendecassílabos apontam para a situação *átone, átone, tônica*: “Vencer dev’ a Madre daquel que deitou/ Locifer do Ceo, e depois britou/ o ifern’ e os santos dele sacou, / e venceu a mort’ u por nos foi morrer”. Uma das formas antigas, citadas no DH, é *Lucifel* (e não há, de fato, no nosso *corpus*, proparoxítonas terminadas em *l*). Para que a palavra *Princeps* seja proparoxítona é necessário postular a ocorrência do fenômeno da epêntese já no português medieval. Nas *Cantigas de Santa Maria*, apenas aparece a forma no plural *princepes*, que não tem a última sílaba pesada (METTMANN 1959).

- (6)
- | | | |
|----|--|----------------------|
| a. | LLL, como em <i>médico</i> e <i>bêbado</i> | (14592 casos; 79,3%) |
| b. | PLL, como em <i>último</i> e <i>pérsico</i> | (3633 casos; 19,7%) |
| c. | LLP, como em <i>júpiter</i> e <i>lúcifer</i> | (124 casos; 0,67%) |
| d. | PLP, como em <i>ângelus</i> e <i>zingiber</i> | (56 casos; 0,30%) |
| e. | LPL, como em <i>pênalti</i> e <i>recorde</i> | (5 casos; 0,03%) |
| f. | LPP, como em <i>chálenger</i> e <i>cóferdã</i> | (2 casos; 0,01%) |
| g. | PPL ⁵ , como em <i>antíspasto</i> | (1 caso; 0,005%) |

A TABELA 1 mostra as porcentagens de sílabas tônicas em cada padrão acentual. Deve-se considerar o *corpus* total de 150.875 mil palavras, sendo 24,9% oxítonas, 62,5% paroxítonas, 12,2% proparoxítonas e 0,4% monossílabos. Curiosamente, tanto as paroxítonas como as proparoxítonas possuem cerca de 83% de suas sílabas tônicas abertas, ou seja, terminadas em vogal, incluindo v, cv, ccv, cgv, e gv (onde v é uma vogal, c é uma consoante e g é um *glide*). Nas oxítonas, o quadro é invertido, mas devemos considerar que 38,6% das oxítonas do *corpus* são formas do verbo no infinitivo. Os não-verbos oxítonos terminados em vogal não ultrapassam 18% do total de oxítonas. Os dados referem-se à base com interpretação dos fonemas conforme a realização fonética da variante paulistana (VIARO & GUIMARÃES-FILHO, 2007). Quanto às oxítonas, por exemplo, essa interpretação considera a consoante final do verbo no infinitivo pronunciada como [r], como em [fa'lar] 'falar' e não previu o apagamento da consoante / / final⁶, como em [fa'la] 'falar'. Portanto, as diferenças percentuais dependem da interpretação dada. De qualquer forma, os dados podem sugerir que tanto paroxítonas quanto proparoxítonas preferem sílabas acentuadas abertas.

| | <i>Padrão Fonológico</i> | | | <i>Variante Paulistana</i> | |
|----------------------|--------------------------|--------------|----------------------|----------------------------|--------------|
| | Abertas | Fechadas | | Abertas | Fechadas |
| Oxítona | 14,2% | 85,8% | Oxítona | 17,9% | 82,1% |
| Paroxítona | 68,2% | 31,8% | Paroxítona | 83,1% | 16,9% |
| Proparoxítona | 79,6% | 20,4% | Proparoxítona | 83,2% | 16,8% |

Tabela 1: Sílabas tônicas em cada padrão acentual quando considerando o Padrão Fonológico e uma interpretação dos fonemas conforme a realização fonética da variante paulistana.

PEREIRA (1916:46-50) afirma que o português já alterava a posição do acento em muitas palavras de origem latina: “Nem sempre observa a lingua a lei glottica da persistencia da syllaba tonica latina (...) Refugindo ao esdruxulo, a analogia reduziu todos os verbos ao typo dos paroxytonos na conjugação do pres. do indic., deslocando para a penúltima a

⁵ A palavra *performance* [peR'fɔRmãsi], proparoxítona, PPL, aparece no DH como *performance* (sem o acento agudo), portanto, está dicionarizada como paroxítona. Assim, esta palavra representa um caso em que o item lexical ainda não foi aportuguesado na ortografia, mas não há variação de pronúncia. Isso serve, portanto, para ilustrar a tendência de conservação da tonicidade na sílaba original, não importando se antepenúltima, penúltima ou última.

⁶ A depender do dialeto, este rótico pode se realizar de várias maneiras (cf. Cristófaros-Silva 1999).

tônica dos proparoxytonos latinos”. Assim, havia a tendência da supressão da vogal nuclear silábica medial e a posterior silabificação à esquerda como em:

| | | | | | |
|-----|---|--------|---|------------------------|----------------------|
| (7) | → | *cáldo | → | [^l kaw.du] | ‘caldo’ |
| | → | *áutra | → | [^l ow.tɾa] | ‘outra’ |
| | → | *sóldo | → | [^l sow.du] | ‘soldo’ |
| | → | *vérdē | → | [^l ver.de] | ‘verde’ ⁷ |

Ou a supressão da vogal nuclear silábica medial e silabificação à direita:

| | | | | | |
|-----|---|---------|---|------------------------|---------|
| (8) | → | *dómno | → | [^l dõ.nu] | ‘dono’ |
| | → | *másclo | → | [^l ma.fu] | ‘macho’ |
| | → | *sócro | → | [^l so.gɾu] | ‘sogro’ |

(exemplos adaptados de FERREIRA NETTO 2001)

LEE (2004) mostra que as mudanças (de acento antepenúltimo para acento penúltimo) em português podem ser explicadas em paralelo ao latim. Dessa forma, assume que a noção de síncope é crucial para se compreender as constantes reduções de proparoxítonas para paroxítonas. Baseado em MASSINI-CAGLIARI 1999, adota que as sílabas finais são extramétricas e propõe a derivação em (9), pois LEE considera que o pé em português é o troqueu silábico. Dessa maneira, a sílaba reduzida fica na posição fraca do pé, criando as condições para a ressilabificação e a alteração da posição do acento. Portanto, nos exemplos a seguir, a sílaba fraca do pé é apagada, como visto em (3), repetidas, parcialmente:

| | | | |
|-----|---------|---|------------------------|
| (9) | córego | → | [^l kɔrgu] |
| | fósforo | → | [^l fɔsfɾu] |

Em primeiro lugar, devemos olhar para os dados de uma forma diferente. Em (10), há uma lista com exemplos, comumente citados (cf. FERREIRA NETTO 2001) com o objetivo de se *provar* que as proparoxítonas são reduzidas para paroxítonas:

| | | | | | |
|------|----------|---------|---|------------------------|---------------|
| (10) | <i>a</i> | abóbora | → | [a ^l bɔbre] | cf. abobrinha |
| | | árvore | → | [^l arvɾi] | cf. arvrinha |
| | | fósforo | → | [^l fɔsfɾu] | ?fosfrinho |
| | | xícara | → | [^l ʃikɾe] | cf. xicrinha |
| | | chácara | → | [^l ʃakɾe] | cf. chacrinha |
| | | óculos | → | [^l ɔklus] | cf. oclinhos |

⁷ Neste trabalho, o asterisco indica, normalmente, que a forma não foi atestada. Esse uso surgiu no gerativismo, para a indicação da agramaticalidade. Apenas neste exemplo está sendo usado com o sentido tradicional de palavra reconstruída (e, portanto, altamente provável). O uso ambíguo do símbolo advém da fusão de perspectivas até recentemente incompatíveis. Não se propôs nenhuma solução para resolver essa contradição.

| | | | | |
|----------|---------|---|----------|---------------|
| <i>b</i> | cócegas | → | [ˈkɔske] | cf. cosquinha |
| | física | → | [ˈfizge] | ??fisguinha |
| | pêssego | → | [ˈpezgu] | ?pesguinho |
| | música | → | [ˈmuzgɐ] | ?musguinha |
| <i>c</i> | córrego | → | [ˈkɔrgu] | cf. corguinho |
| <i>d</i> | número | → | [ˈnũru] | |
| | cômodo | → | [ˈkõdu] | |

De fato, as palavras em (10) são reduzidas em diversas variantes do português, embora isso não ocorra em todas⁸. Entretanto, os diminutivos listados em (10)a, por exemplo, são compartilhados por um grande número de falantes e oferecem forte apoio aos defensores da redução. Um outro olhar sobre os dados em (10) revela que o ambiente fônico de todas as palavras reduzidas permite que sejam ‘reduzíveis’ de maneira não-aleatória. A redução é, portanto, possível, havendo também uma ressilabificação em seguida. Se o elemento a ser ressilabificado é uma consoante /R/ ou /l/ no *onset* da sílaba final, a ressilabificação formará um *onset* complexo, desde que o *onset* da sílaba pós-tônica não-final seja uma oclusiva ou uma labiodental, como em (10)a. Porém, há a possibilidade de o elemento ser ressilabificado para a coda da sílaba tônica. Nesse caso, deve ser necessariamente uma dos quatro consoantes possíveis na posição de coda (cf. (10)b, c, d), o que equivale, segundo a descrição de CÂMARA JR (1970), a um dos arquifonemas: /S, R, N, L/. Dessa forma, ocorre síncope em uma palavra com acento na penúltima sílaba (proparoxítona), nos seguintes casos: a sílaba pós-tônica é formada por uma consoante (oclusiva ou labiodental) e uma vogal e a sílaba pós-tônica final possui no *onset* uma consoante líquida (/R/ ou /l/). Nesse caso, a vogal da sílaba pós-tônica é apagada (síncope) e a consoante líquida é ressilabificada, formando um *onset* complexo (quando o *onset* complexo for possível).

| | | | | |
|------|---------|---|-----------|---------------|
| (11) | abóbora | → | [aˈbɔbrɐ] | cf. abobrinha |
| | óculos | → | [ˈɔklus] | cf. oclinhos |

A sílaba pós-tônica não-final é formada por uma consoante e uma vogal, sendo que a consoante é um rótico /r/ ou /ã/. Nesse caso, a vogal da sílaba é apagada e o rótico é ressilabificado para a coda da sílaba tônica.

⁸ A variante em questão é corrente no português do Brasil. Há, também, algumas variantes do pb nas quais a síncope ocorre de uma maneira mais freqüente. Assim, em alguns falares de mg e no interior de sp, por exemplo, há apagamentos que envolvem tanto a vogal pós-tônica como a consoante do *onset* da sílaba final, como em *época* > [ˈepɐ], *bêbado* > [ˈbebu], *cândida* > [ˈkãdje]/[ˈkãde], etc. Além disso, na região central de mg, há registros de apagamento completo de todas as sílabas pós-tônicas (cf. Lee 2004).

(12) córrego → ['kɔRɣu]⁹ cf. corguinho

A sílaba pós-tônica não-final é formada por uma consoante e uma vogal [i], sendo que a consoante é uma realização das consoantes contínuas coronais /s, z/. Nesse caso, a vogal pode ser apagada, ocorrendo espalhamento do traço [voz] para o *onset* da sílaba seguinte.

(13) cócegas → ['kɔske] cf. cosquinha
física → ['fizɣe] ??fisguinha
pêssego → ['pezɣu] ?pesguinho
música → ['muzɣe] ?musguinha

A sílaba pós-tônica é formada por uma consoante e uma vogal, sendo que a consoante é uma realização das consoantes nasais /m, n/. Nesse caso, a sílaba pós-tônica pode ser apagada ocorrendo espalhamento da nasalidade para a sílaba tônica (anteriormente oral).

(14) número ['nũ.ru]¹⁰
cômodo ['kõ.du]¹¹

A consoante /l/, contudo, não é ressilabificada, não ocorrendo, portanto, síncope quando essa consoante ocupar a posição de *onset* na sílaba pós-tônica não-final, apesar de /l/ ser uma consoante possível na posição de coda. Assim, pressupomos que a síncope *não* ocorre mesmo que o alofone [w] de /l/ também seja possível como elemento na coda. Nesse caso, é possível que a perda da distinção morfológica comprometa a lexicalidade da palavra. Pode-se ainda argumentar que, após a síncope da vogal, a consoante da sílaba apagada deverá manter uma fidelidade em seus traços, inviabilizando assim sua mudança para [w].

(15) evangélico ??[evã'zɛwku]
católico ??[ka'tɔwku]

⁹ A depender do dialeto, este rótico pode se realizar de várias maneiras (cf. Cristófaros-Silva 1999).

¹⁰ CÂMARA JR (1970: 59) afirma que “(...) depois de vogal nasal só se realiza um /r/ forte e nunca o/r'/ brando próprio exclusivamente da posição intervocálica. Isto, que eu disse desde 1948, é repetido com outras palavras por Moraes Barbosa, comentando a pronúncia obrigatória de *genro*, *honra* etc. (Barbosa 1965, 92)”. No entanto, em realizações como ['nũ.ru] há um possível contra-exemplo.

¹¹ FERREIRA NETTO (2001:178) transcreve ['kõũ.du].

Um outro caso a ser considerado ocorre com palavras que possuem [s] ou [z] no *onset* da sílaba final seguidos de [i]. Nesse caso, a vogal final é apagada e a consoante [s] é rressilabificada para a coda da sílaba pós-tônica, gerando, portanto, uma paroxítona. Portanto, temos aqui um caso distinto dos apresentados acima, pois a redução em (16) ocorre devido ao apagamento da vogal da sílaba átona final (apócope). É o que ocorre com 611 palavras do *corpus*¹².

- (16) apólice [a'pɔlis]
 elefantíase [elefã'tʃiez]

Consideramos também, por definição, que o processo de síncope não ocorre quando as consoantes /p t k b d g f v/ estiverem, após a realização da síncope, nas posições de coda da tônica e *onset* da pós-tônica não-final. Isso se dá pelo fato de essas consoantes não serem permitidas, no sistema do PB, se houvesse apagamento da vogal pós-tônica não-final, nem como coda da tônica, nem como segundo elemento de um *onset* complexo da pós-tônica resultante.

- (17) médico *[ˈmɛdku]
 bêbado *[ˈbebdu]
 rápido *[ˈxapdu]
 pênalti *[ˈpenlti]
 época *[ˈɛpkɛ]

Por enquanto, os fatos apresentados não contrariam as afirmações de SÂNDALO (1999) e LEE (2004), pois suas descrições levantam pontos relevantes que devem ser considerados. De fato, a gramática normativa, como qualquer outro instrumento lingüístico, exerce pressão sobre a língua. No entanto, pessoas com baixa escolarização ou mesmo sem escolarização alguma também produzem palavras proparoxítonas. Além disso, o letramento, a universalização e a democratização do acesso à escola tenderiam, portanto, a aumentar a influência da gramática normativa e, por conseguinte, aumentar a ocorrência de proparoxítonas em muitas variantes. Possivelmente, os dois fatos (influência da gramática normativa e produção de proparoxítonas) não sustentam uma relação de causa e consequência. Por outro lado, o fenômeno de síncope ou redução vocálica no PB não parece estar relacionado também com a diminuição da frequência das palavras proparoxítonas. A redução parece ser oriunda da possibilidade de estruturas silábicas menos marcadas prevalecerem em relação a estruturas mais marcadas. Nesse sentido, a proposta de LEE (2004) não menciona exemplos de reduções que ocorrem quando a consoante na sílaba pós-tônica não é rressilabificável, ou seja, distinta de /S, R, N, L/. Portanto, LEE (2004) não arrola exemplos como em (17), nos quais a síncope seria estruturalmente impossível nesses

¹² Casos semelhantes a este mereceriam um estudo mais detalhado de fonética acústica, uma vez que também é possível imaginar casos de apócope do [i] após outras fricativas e africadas: *cônjuge* [ˈkõʒuʒ], *triade* [ˈtriadʒ], *pirâmide* [piˈrãmidʒ], *satélite* [saˈtelitʃ], *tiquete* [ˈtʃikitʃ]. Um caso ainda mais complexo é o de *cóccix* [ˈkõksiks]→[kõkisi]→[ˈkõkis].

contextos. Os exemplos em (17) são de palavras proparoxítonas que provavelmente pertencem também à expressão de pessoas não-escolarizadas. Pode-se, inclusive, afirmar que todas são, possivelmente, comuns ou familiares a todos os falantes. Portanto, alguns dos argumentos comumente utilizados para desqualificar as proparoxítonas (pressão da gramática, origem erudita, baixa frequência) não podem ser aplicados nesses casos.

Posto isto, nos voltamos para a possibilidade estrutural da sílaba formada em casos de apagamento ou manutenção da estrutura silábica nas palavras proparoxítonas e verificamos a natureza do *cluster* complexo (no *onset* da pós-tônica) ou do elemento formador de coda nas palavras proparoxítonas, nos casos de síncope. Do total de 18.413 palavras com acento antepenúltimo no *corpus*, cerca de dois terços das palavras proparoxítonas não formam *clusters* válidos quando é feito o apagamento mecânico da vogal da sílaba pós-tônica, como em rápido > **ráp.do*, calotípico > **calotíp.co*, *haféfobo* > **haféf.bo*. O apagamento da vogal da sílaba pós-tônica gera sílabas com codas válidas em 4.287 casos ou 23,2% do total, como em *física* > *fís.ca*, *anisúrico* > *anisúr.co*, *gênese* > *gên.se*. Em 439 casos, ou 2,4% do total, a sílaba pós-tônica não-final é formada somente por uma vogal. Por fim, são geradas palavras cuja sílaba pós-tônica possui um *onset* válido, como em *abóbora* > *abó.bra*, *próspero* > *prós.pro*, útero > *ú.tro* em 2.158 (11,7%) dos casos, resultando em sílabas inválidas em 62,7 % das palavras, conforme apresentado na TABELA 1. Há, ainda, os casos em que o apagamento da vogal da sílaba pós-tônica não-final gera uma seqüência de coda possível seguida por um *onset* complexo permitido, como em *périplo* > *pér.plo*. Nesse caso, o *onset* supercomplexo formado por três consoantes, **rpl**, como em **pé.rplo*, não é possível em português.

| | Frequência Relativa | Número de ocorrências |
|--|---------------------|-----------------------|
| Síncope gera <i>clusters</i> inválidos | 62,7% | 15.538 |
| Síncope gera codas válidas na sílaba tônica | 23,2% | 4.287 |
| Síncope gera <i>onsets</i> válidos para sílaba pós-tônica | 11,7% | 2.158 |
| Sílaba pós-tônica intermediária é do tipo v (portanto, não-apagável) | 2,4% | 439 |
| TOTAL | 100% | 18.413 |

Tabela 2. Validade dos *clusters* produzidos por síncope da vogal pós-tônica.

Para avaliar a confiabilidade desta análise, um segundo método foi utilizado para comparação, com o uso de um programa de identificação de encontros consonantais passíveis de epêntese¹³. Nesse método, verificou-se se, após a síncope forçada da pós-tônica não final, a transcrição automática gerava uma epêntese no local da vogal apagada, sendo considerados reduzíveis por síncope apenas os casos em que não ocorria epêntese. Obtivemos resultados similares aos obtidos pela análise de *clusters* válidos: 67,5% de reduções inválidas e 32,5% de reduções válidas. Portanto, os dados sugerem que

¹³ O programa identificava os encontros consonantais resultantes depois do apagamento da vogal pós-tônica, como *p.t*, *g.b*, *d.f*, etc., onde o ponto representa a divisão silábica entre os elementos da coda e do *onset*.

a síncope da vogal da sílaba pós-tônica não-final gera sílabas bem-formadas apenas em cerca de uma a cada três palavras. Dessa forma, a síncope da vogal não explicaria todas as reduções possíveis. QUEDNAU (2002) sugere que o fenômeno da síncope depende da variação dialetal e da velocidade da fala, porém na maior parte das variantes urbanas, o apagamento não está lexicalizado e ainda possui forte conotação negativa. Por outro lado, a análise dos dados indica que o fenômeno da síncope pode ser claramente associado à gramaticalidade da sílaba resultante. Os nossos resultados sugerem que, quando ocorre o fenômeno do apagamento da vogal pós-tônica, o processo é condicionado, mormente, por regras de fonotática da língua que não podem ser descritas somente em termos sociolinguísticos.

Outro argumento empregado contra as proparoxítonas baseia-se na epêntese vocálica. A vogal padrão para as adições (próteses, epênteses e paragoges) no português é [i], como em [i]sport[i] ‘esporte’ (prótese e paragoge, respectivamente) e *téc[i]nico* ‘técnico’ (epêntese) (cf. COLLISCHONN 2000). Nesse sentido, LEE (2004) oferece um exemplo interessante. Para explicar determinadas variantes, o autor defende que ocorre síncope da vogal [a] medial em *lâmp[a]da* resultando na forma **lampda*. Uma vez que *p* não pode ocorrer como coda da primeira sílaba (i.é., **lap*), nem como *onset* complexo (i.é., **pda*), a epêntese vocálica, *lâmp[i]da*, garantiria a boa-formação da estrutura silábica. No entanto, *lâmp[i]da* ou *bêb[i]do* (seguindo a mesma argumentação) continuam sendo palavras proparoxítonas. Por outro lado, há 895 casos (1% do *corpus*) de paroxítonas (na forma ortográfica) que se transformam em proparoxítonas após epêntese, como por exemplo, *pacto* > [ˈpakitu]. A relação entre epêntese vocálica e as proparoxítonas poderia ser um tópico de uma pesquisa futura.

MASSINI-CAGLIARI (1992: 132), tratando da formação de palavras por siglas, menciona que praticamente inexitem siglas com acento proparoxítono. A autora cita apenas a palavra ÓVNI, como exemplo de sigla proparoxítona, por causa da epêntese que ocorre entre o *v* e o *n*, como em óvni, da mesma forma que palavras como *ritmo* são paroxítonas apenas do ponto de vista da ortografia. Além de óvni, encontramos pelo menos duas outras palavras formadas por siglas proparoxítonas, ambas com adição vocálica, VARIG e ETCO. Portanto, palavras formadas por siglas com acento proparoxítono são de fato minoritárias.

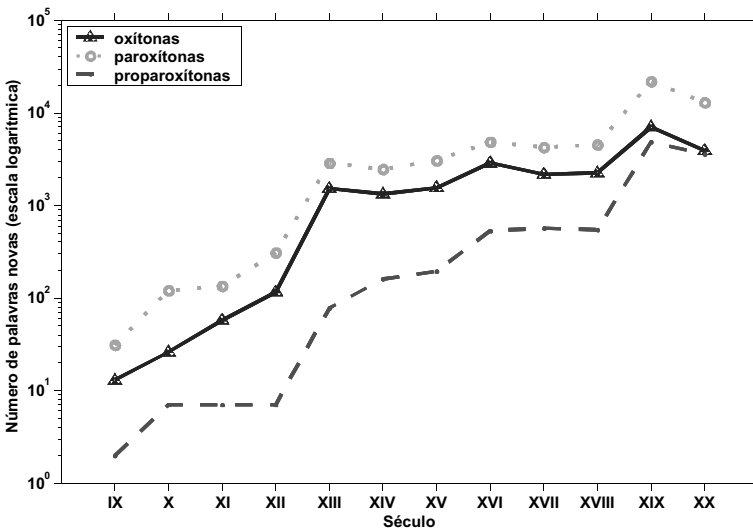
Ademais, sobretudo no que concerne aos substantivos, palavras oxítonas também podem ser transformadas em paroxítonas (18), nos processos morfofonológicos conhecidos como truncamento ou abreviação (cf. ARAUJO 2002). Sem dúvida, esse fato também deve ser abordado pelas análises do acento.

| | | |
|------|--------------------------|----------------|
| (18) | Maraca ^[ˈna] | <i>Maraca</i> |
| | Morum ^[ˈbi] | <i>Morumba</i> |
| | traves ^[ˈtʃi] | <i>traveco</i> |
| | sapa ^[ˈtãõ] | <i>sapata</i> |

3. INTRODUÇÃO TARDIA

Uma vez que o português pode ser rastreado diacronicamente, por meio de registros escritos e reconstruções, até o latim vulgar, é possível, teoricamente, usar fontes históricas para localizar a primeira aparição de uma determinada palavra desde os primórdios de seu uso. Se a hipótese da entrada na língua no século XVI justifica a excepcionalidade das proparoxítonas (posteriores às mudanças fonológicas que alteraram a posição do acento na palavra), dois fatos estatísticos são esperados: primeiro, a data média da primeira documentação na língua para palavras proparoxítonas deverá ser maior do que para palavras não-proparoxítonas; e, em segundo lugar, a distribuição empírica das palavras com acento na antepenúltima deverá apresentar uma transição evidente ou um pico no século XVI, que corresponde à data da suposta introdução da maioria dessas palavras.

Os gráficos da FIGURA 1 mostram a evolução temporal do número de palavras criadas em cada século, presentes no DH, de acordo com a tonicidade. Foi utilizada uma escala vertical logarítmica porque a introdução de novas palavras registradas no português no século XIX é quase uma ordem de grandeza superior à dos demais séculos, fazendo que o gráfico em escala linear se torne ilegível. Uma forma interessante de discutir estes dados se dá por meio da relação entre as produtividades relativas de cada uma das tonicidades ao longo dos séculos (cf. FIGURA 2). As barras verticais no gráfico da FIGURAS 2 correspondem aos desvios padrão dos percentuais apresentados. Estes desvios padrão foram determinados considerando que as palavras contidas no DH correspondem a uma amostra das palavras portuguesas existentes e, portanto, sujeitas a flutuações amostrais.



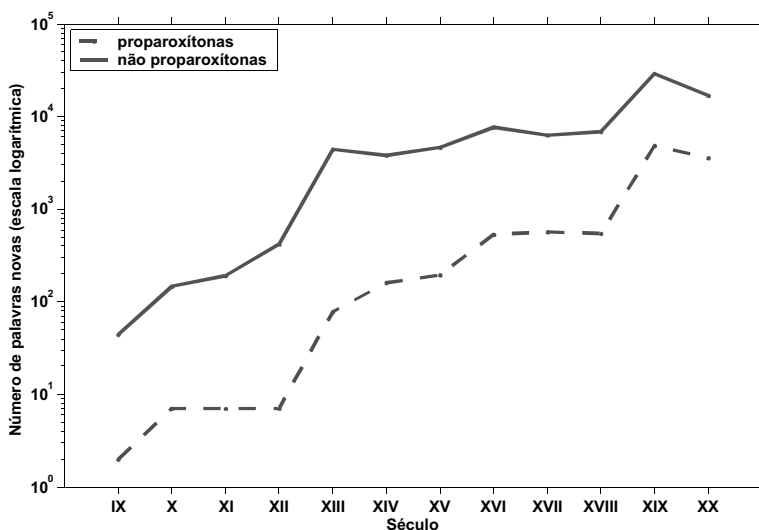


Figura 1 – Evolução temporal do número de palavras criadas em cada século de acordo com a tonicidade.

A data média da primeira documentação na língua das palavras proparoxítonas no DH é o ano de 1843, com uma dispersão (desvio-padrão) de 147 anos, enquanto as não-proparoxítonas têm como data média o ano de 1737 com uma dispersão de 218 anos. Assim, embora a primeira previsão seja numericamente correta, como mostra a FIGURA 1, tanto as proparoxítonas como as não-proparoxítonas entram na língua de forma regular em todos os séculos. Pode-se, inclusive, afirmar que há uma tendência para picos nos séculos XIII, XVI e XIX, tanto para as proparoxítonas quanto para as não-proparoxítonas. O primeiro pico está associado ao próprio surgimento do português como língua independente. O último pode estar ligado, entre outras coisas, às revoluções técnico-científicas, à explosão demográfica na Europa e na América e à consolidação da escolarização universal que promoveu um letramento em massa, resultando em um número maior de obras literárias e não-literárias impressas. A correlação entre Renascença e proparoxítonas não é estatisticamente evidente como mostra a FIGURA 2.

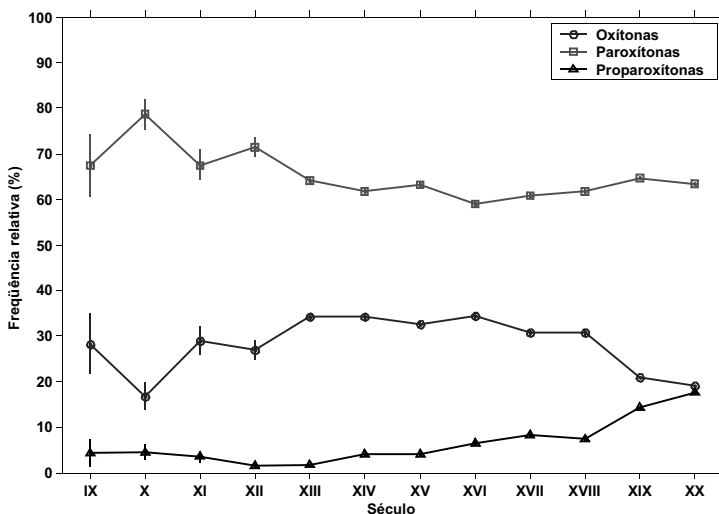


Figura 2 – Relação entre a tonicidade e a criação lexical. As barras verticais são os desvios padrão correspondentes às flutuações estatísticas amostrais.

A segunda previsão também se mostrou equivocada, pois a entrada de proparoxítonas mantém uma trajetória crescente, com destaque para os séculos XIX e XX.

4. FREQUÊNCIA DE USO E TONICIDADE

A distribuição da frequência de uso de cada tipo de tonicidade (oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas e monossílabos) foi comparada com a frequência global das palavras do português. Assim, dividindo a frequência de uso das palavras em 4 partes (quartis) (denominadas de *raras*, *incomuns*, *comuns* e *frequentes*), cada uma destas partes contendo aproximadamente 25% do total das palavras da base, obtivemos para cada tipo de tonicidade a distribuição apresentada na TABELA 3. Estes resultados mostram que as palavras proparoxítonas têm uma distribuição de frequência de uso com uma tendência para valores menos comuns do que as palavras não-proparoxítonas, pois há quase 50% delas no quartil das palavras raras, e pouco mais de 10% no das frequentes, quando o esperado era cerca de 25% em cada um.

| | Quartis de frequência de uso ¹⁴ | | | |
|-------------|--|----------|--------|------------|
| | Raras | Incomuns | Comuns | Freqüentes |
| TODA A BASE | 27,5 % | 26,3 % | 23,7 % | 22,6 % |

| | Raras | Incomuns | Comuns | Freqüentes |
|-----------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Monossílabos | 0,0 % | 0,2 % | 4,4 % | 95,4 % |
| Oxítonas | 21,1 % | 27,2 % | 26,1 % | 25,6 % |
| Paroxítonas | 26,3 % | 26,4 % | 24,2 % | 23,1 % |
| Proparoxítonas | 47,5 % | 24,8 % | 16,4 % | 11,4 % |

| | Raras | Incomuns | Comuns | Freqüentes |
|-----------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Não-proparoxítonas | 24,7 % | 26,5 % | 24,7 % | 24,1 % |
| Proparoxítonas | 47,5 % | 24,8 % | 16,4 % | 11,4 % |

Tabela 3 – Distribuição estatística da frequência de uso, de acordo com a base de páginas em português do *Google*, em termos da tonicidade das palavras.

Porém, um ponto que precisa ser esclarecido é se essa baixa frequência de uso se deve ao fato da palavra ser proparoxítona ou as características das proparoxítonas, como, por exemplo, serem, em geral, palavras mais longas que as dos outros tipos (VIARO & GUIMARÃES-FILHO 2007). A relação entre tonicidade e o número de sílabas está apresentado na FIGURA 3. A frequência relativa de oxítonas diminui com o aumento do número de sílabas da palavra, ou seja, quanto maior o número de sílabas da palavra, menor a chance de ser oxítona, enquanto para as proparoxítonas ocorre o oposto. É curioso observar que a frequência relativa de paroxítonas se mantém aproximadamente estável perto de 70% para palavras com quatro ou mais sílabas (GUIMARÃES-FILHO *et alii* 2006).

¹⁴ Foram denominadas Raras as palavras que ocorriam em menos de 10 páginas, Incomuns aquelas usadas em até 200 páginas, Comuns para até 20 mil páginas e Freqüentes para mais de 20 mil páginas (o maior número de ocorrências encontrado foi de 317 milhões para a preposição 'de'). Pesquisas realizadas entre os dias 18 e 21 de julho de 2006.

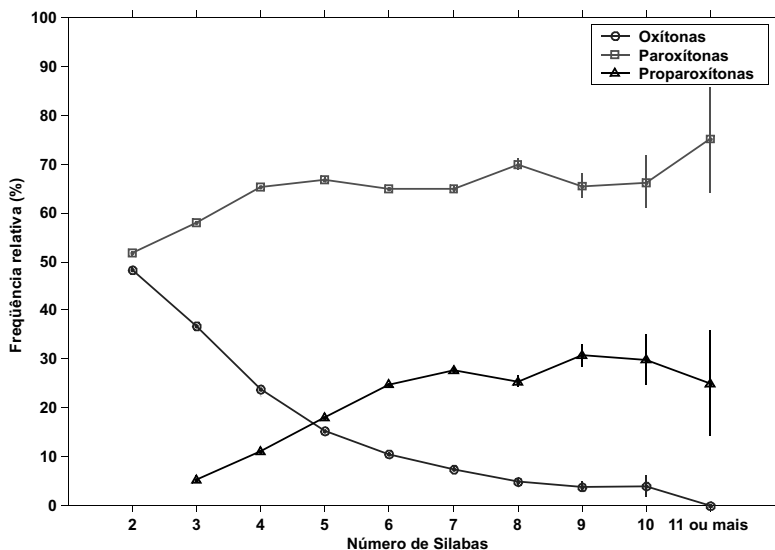


Figura 3 – Relação entre tonicidade e o número de sílabas. As barras verticais indicam os desvios padrão correspondentes às flutuações estatísticas amostrais.

Para avaliar a importância do número de sílabas da palavra na frequência de uso, verificamos os casos dos trissílabos, tetrassílabos e pentassílabos:

| | | Raras | Incomuns | Comuns | Freqüentes |
|---------------|-----------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Trissílabos | Proparoxítonas | 17 % | 26 % | 28 % | 29 % |
| | Não-proparoxítonas | 25 % | 24 % | 22 % | 29 % |
| Tetrassílabos | Proparoxítonas | 41 % | 27 % | 17 % | 14 % |
| | Não-proparoxítonas | 28 % | 28 % | 24 % | 20 % |
| Pentassílabos | Proparoxítonas | 50 % | 26 % | 16 % | 9 % |
| | Não-proparoxítonas | 33 % | 29 % | 21 % | 17 % |
| TODOS | Proparoxítonas | 47,5 % | 24,8 % | 16,4 % | 11,4 % |
| | Não-proparoxítonas | 24,7 % | 26,5 % | 24,7 % | 24,1 % |

Tabela 4 - Distribuição estatística da frequência de uso em termos da tonicidade de acordo com o número de sílabas das palavras.

Estes resultados mostram que com o aumento do número de sílabas da palavra há uma tendência geral de reduzir a frequência de uso que parece ser um pouco mais acentuada no caso das proparoxítonas, como por exemplo, as proparoxítonas no grupo das freqüentes passam de 29% no caso dos trissílabos para 9% no caso dos pentassílabos, enquanto no grupo das raras passam de 17% para 50%.

Há ainda outros efeitos, como a data de criação da palavra, que também precisam ser investigados antes de se concluir que o fato da palavra ser proparoxítona influencia de maneira significativa a frequência de uso da palavra. Os resultados parecem indicar a

existência deste efeito, embora com uma intensidade bem menor do que a primeira análise indicava (sem distinguir o número de sílabas).

Para complementar a discussão sobre relação entre frequência de uso e tonicidade, realizamos um segundo teste, filtrando as palavras simultaneamente quanto ao número de sílabas e à data de criação lexical. Assim, tomando apenas palavras com 3, 4 ou 5 sílabas, obtivemos a distribuição de frequências de uso em termos da data de criação lexical, obtendo os resultados apresentados na TABELA 5, que mostram que o efeito da tonicidade não é perceptível para as palavras criadas entre os séculos XIII a XVIII. A tendência de redução da frequência de uso das proparoxítonas criadas nos séculos XIX e XX pode estar ligada aos termos científicos formados por radicais eruditos. Estes resultados indicam que a relação entre frequência de uso e tonicidade é um problema que precisa ser abordado com o uso de métodos estatísticos rigorosos a fim de evitar conclusões equivocadas.

| | | Raras | Incomuns | Comuns | Freqüentes |
|--------------------|-----------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Séculos XIII a XV | Proparoxítonas | 6 % | 9 % | 17 % | 68 % |
| | Não-proparoxítonas | 5 % | 14 % | 23 % | 59 % |
| Séculos XVI a XVII | Proparoxítonas | 13 % | 24 % | 25 % | 38 % |
| | Não-proparoxítonas | 10 % | 23 % | 30 % | 37 % |
| Séculos XIX e XX | Proparoxítonas | 44 % | 27 % | 18 % | 11 % |
| | Não-proparoxítonas | 26 % | 29 % | 26 % | 19 % |
| TODOS os séculos | Proparoxítonas | 43 % | 26 % | 17 % | 14 % |
| | Não-proparoxítonas | 26 % | 28 % | 24 % | 22 % |

Tabela 5 – Distribuição da frequência de uso dos trissílabos, tetrassílabos e pentassílabos com relação à data de criação lexical para palavras proparoxítonas e não-proparoxítonas.

5. QUALIDADE DA VOGAL

A qualidade da vogal acentuada é relevante porque o PB tem um sistema vocálico dependente do acento lexical. O número de vogais dependendo da posição do acento, para a maioria das variantes do PB é o seguinte:

- (19) Posição pré-tônica: 5 vogais: [i, u, e, o, a]. (Para algumas palavras isoladas [ɛ, ɔ]).
 Posição tônica: 7 vogais: [i, u, e, ɛ, o, ɔ, a]
 Posição pós-tônica não-final: 5 vogais: [i, u, e, o, a]
 Posição pós-tônica final: 3 vogais: [i, u, ɐ]

Apesar de as vogais médias abertas terem sua distribuição limitada à posição de acento, trata-se apenas de uma tendência e não uma causa, uma vez que as vogais médias fechadas [e, o] também ocorrem na posição tônica. Porém, qual é a distribuição específica de [i, u, ɐ] nas palavras proparoxítonas, comparada à distribuição nas palavras não-proparoxítonas?

A TABELA 6 mostra a distribuição das sete vogais do PB na posição tônica.

| Vogal tônica | Proparoxítonas | Não-Proparoxítonas | Oxítonas | Paroxítonas |
|--------------|----------------|--------------------|----------|-------------|
| i | 26,5 % | 22,5 % | 28,3 % | 7,9 % |
| u | 2,6 % | 4,7 % | 5,0 % | 3,8 % |
| e | 4,4 % | 13,5 % | 16,8 % | 5,2 % |
| ɛ | 12,0 % | 4,7 % | 5,3 % | 2,9 % |
| o | 7,7 % | 6,7 % | 5,1 % | 10,6 % |
| ɔ | 25,2 % | 5,7 % | 6,9 % | 2,7 % |
| a | 21,6 % | 42,3 % | 32,5 % | 66,9 % |

Tabela 6 – Tipos de vogais tônicas nas palavras com acento antepenúltimo e não antepenúltimo com respectivas frequências percentuais.

As maiores diferenças entre as duas categorias estão na distribuição das vogas médias altas [ɛ, ɔ]. Para as palavras com acento na antepenúltima, 37,2% das vogais acentuadas são médias altas e para as com acento não-proparoxítono somente 10,4% das vogais acentuadas são médias altas. Dessa forma, palavras proparoxítonas têm 2,6 vezes mais chances de terem a vogal [ɛ] na posição acentuada e 4,4 vezes mais chances de ter a vogal [ɔ] na posição acentuada do que palavras com acento não-proparoxítono. Isso sugere que há uma correlação entre acento e vogais médias abertas em palavras proparoxítonas (cf. WETZELS 1991, 1992). Essa correlação poderia ter uma motivação fonética, assumindo-se que a diferença de qualidade está relacionada à altura da vogal. Uma vez que as sílabas acentuadas são mais longas e permitem que a abertura da vogal seja mais longa e menos precisa, tais vogais poderiam ter surgido e ter permanecido restritas à posição tônica na maioria das variantes do português. No entanto, essa questão permanece em aberto.

Interessante seria ainda observar qual a vogal que está na pós-tônica não-final. Em ordem decrescente de frequência temos: /i/ (65,3%), /a/ (10,9%), /o/ (10,5%), /e/ (9,7%) e /u/ (3,6%). É curioso observar que, embora seja o caso mais freqüente, apenas 28% das palavras com vogal pós-tônica não-final /i/ são apagáveis (geram codas válidas ou *onsets* complexos válidos depois da síncope). Por outro lado, 81% dos casos com /u/ são apagáveis (para as demais vogais pós-tônicas os percentuais são: /o/ 38%, /a/ 49%, /e/ 70%).

6. SUMÁRIO E CONCLUSÕES

A dicotomia *acentos fonologicamente determinados* vs. *acentos lexicalmente especificados* pode ser mais bem avaliada quando dados morfológicos, históricos e de frequência são agrupados em uma análise. Em relação às palavras proparoxítonas, os seguintes pontos são especialmente relevantes:

(20) a. Sempre existiram no português;

b. Palavras oxítonas e proparoxítonas, cujos padrões acentuais não são o canônico, são encontradas em todas as épocas e são criadas com frequências proporcionais à sua representatividade no *corpus*;

c. As reduções (proparoxítonas > paroxítonas) ocorrem em determinados contextos, embora haja também oxítonas que se transformam em paroxítonas e paroxítonas que se transformam em proparoxítonas;

d. Não há evidências que sustentam que os falantes evitem o uso das proparoxítonas ou que haja um direcionamento para uma mudança de posição de acento;

e. Empréstimos recentes sugerem que o princípio de conservação do acento ainda está ativo.

O objetivo deste artigo foi legitimar a presença de palavras proparoxítonas nas análises do sistema acentual do português do Brasil. Foi mostrado que essas análises desqualificam as proparoxítonas por não disporem de instrumentos que possibilitem uma explicação unificada para o fenômeno do acento lexical. Ao mesmo tempo, embora assumamos que, estatisticamente, as proparoxítonas sejam marginais no sistema — *circa* 12% do *corpus* de 150 mil palavras—, acreditamos que as análises deveriam considerá-las como parte do sistema.

Procuramos mostrar que as reduções (síncope e apócope) que transformam palavras proparoxítonas em paroxítonas ocorrem sob certas circunstâncias, dentre elas a possibilidade de uma consoante em coda ou *onset* ser rressilabificada como segundo elemento de *onset* complexo ou como coda, que ocorrem apenas em cerca de 1/3 das proparoxítonas. Além disso, foi mostrado que explicações paralingüísticas como a pressão da gramática normativa, a origem erudita da palavra ou a baixa frequência de uso não são causa nem consequência da existência ou da manutenção das proparoxítonas.

No entanto, algumas questões se colocam para pesquisa futura. Certamente, proparoxítonas pertencem ao sistema do PB, embora, estatisticamente, o acento antepenúltimo seja minoritário, mas é necessário entender as razões pelas quais a consoante /l/ não é rressilabificada e não ocorre síncope quando ocupa a posição de *onset* na sílaba pós-tônica, apesar de /l/ (ou seu alofone [w]) ser uma consoante possível na posição de coda. A relação entre epêntese e as proparoxítonas também merece maior atenção, assim como a relação entre síncope e frequência de uso.

Por fim, os dados em (10) mostram que, comumente, são criados *onsets* complexos fora da posição do acento, como em *chá*[kɾ]a, embora CRISTÓFARO-SILVA (2002) julgue que a posição tônica seja a ideal para *onsets* complexos, ao lembrar casos de apagamento do *onset* complexo como em *problema* → [po'bɾemɐ], ou de metátese do segundo elemento para a posição tônica, como em *estupro* → [is'tɾupɔ]. A formação desses *onsets* complexos, entretanto, também mereceria uma investigação mais detalhada.

Por fim, não podemos ainda nos esquecer de que o julgamento dos dados em aceitáveis ou não sempre foi problemático desde que surgiu o conceito de *agramatical* no gerativismo. Há um certo elemento subjetivo no julgamento da agramaticalidade, uma vez que isso

depende da experiência e da capacidade de percepção do indivíduo, que costuma aferrar-se nas suas convicções, tolerando alguns dados ou achando outros exagerados, conforme o momento ou até mesmo conforme a linha teórica. A apócope do *-e* talvez ocorra numa palavra mais freqüente, aprendida mais espontaneamente, como *apólice* do que numa palavra como *prosapódose*, que é rara, aprendida pela escrita e utilizada como jargão. Apesar de todo o contexto fônico ser parecido, há sabidamente palavras mais comuns que outras, pronunciadas por poucas pessoas e em poucos discursos. Somente estudos de fonética acústica de palavras proparoxítonas produzidas em situações espontâneas poderão nos dar a certeza sobre os casos de síncope e apócope, de modo que se possa generalizar como regra fonológica. Há fatores que relativizariam a possibilidade ou a impossibilidade ditada pelo contexto fônico, ou seja, reforçariam a presença de mais proparoxítonas do que o normal, quais sejam: a baixa freqüência de uso da palavra, a velocidade mais pausada da fala individual/regional, a formalidade situacional do discurso e o policiamento normativo do falante. Esses fatores, contudo, não parecem abalar nossa argumentação, pelo contrário, um aumento da quantidade de proparoxítonas no léxico do PB, ainda que motivada por esses outros fatores, apenas reforçam a tese que propomos defender, a saber, de que as proparoxítonas são um elemento pertencente ao sistema da língua portuguesa tão digno de ser estudado quanto às oxítonas e as paroxítonas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. P. (2002). A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Ed.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 99-126.
- ANDRADE, E. (1994). d'. *Temas de Fonologia*. Lisboa: Colibri.
- ARAÚJO, G.; OLIVEIRA, L. (2006). Um estudo experimental sobre as proparoxítonas do português. Universidade de São Paulo/Yale University. Inédito.
- ARAÚJO, G. (2002). Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem* 10(1), 61-90.
- BISOL, L. (1989). O ditongo da perspectiva da fonologia atual. *DELTA* 5 (2), 185-224.
- _____. (1992). O acento: duas alternativas de análise. Inédito.
- _____. (1994). O acento e o pé métrico binário. *Letras de Hoje* 98, 25-36.
- CAGLIARI, L. C. (1999). *Acento em Português*. Campinas: Edição do Autor.
- CÂMARA Jr. J. M. (1970). *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- COLLISCHONN, G. (1993). Um estudo do acento secundário em português. Dissertação de mestrado, UFRGS.
- _____. (1999). Acento em português. In Bisol, L. (Ed.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*, 125-155. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- COLLISCHONN, G. (2000). A epêntese vocálica no português do sul do Brasil: análise variacionista e tratamento pela teoria da otimalidade. *Letras de Hoje* 35(1), 285-318.

ARAUJO, GUIMARÃES-FILHO, OLIVEIRA E VIARO – Algumas observações sobre...

CRISTÓFARO-SILVA, T. (2002). Branching onsets in Brazilian Portuguese. *Revista de Estudos da Linguagem* 10(1), 91-107.

FERREIRA NETTO, W. (2001). *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra.

GUIMARÃES-FILHO, Z. O.; MARIANO L.; SANTOS, A.; VIARO, M. E. (2008). Relações sincrônicas e diacrônicas do acento lexical em português. IX Congresso brasileiro de Língua portuguesa/ II Congresso internacional de Lusofonia. São Paulo: IP-PUC-SP. p. 1-8 (cd-rom, arquivo ip0021.pdf).

HOUAISS, A.; VILLAR, M. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

LEE, S-H. (1995). Morfologia e Fonologia Lexical do Português. Tese de Doutorado, UNICAMP.

_____. (2004). Síncope, Brevis Brevians e Acento no Português Brasileiro. Inédito, UFMG.

LEITE, Y. (1974). Portuguese Stress and Related Rules. Ph.D. thesis, University of Texas.

MASSINI-CAGLIARI, G. (1992). *Acento e ritmo*. São Paulo: Contexto.

_____. (1999). *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara, São Paulo: FCL/ Laboratório Editorial/UNESP, Cultura Acadêmica.

_____. (2007). Das cadências do passado: o acento em português arcaico visto pela Teoria da Otimidade. In: ARAUJO, G. (org.) *Acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial.

MATEUS, M. H. (1996). Fonologia. In: FARIA, I. et alii (Eds.) *Introdução à lingüística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho.

METTMANN, W. (1959). *Cantigas de Santa Maria*. Coimbra: Por ordem da Universidade.

PEREIRA, E. (1916). *Gramática histórica*. São Paulo: Nacional.

QUEDNAU, L. (2002). A síncope e seus efeitos em latim e em português arcaico. In: BISOL, L.; BRESCANCINI C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 79-97.

SANDALO, F. (1999). Acento e Sonoridade. Artigo apresentado na reunião da ABRALIN, Florianópolis.

VIARO, M. E.; GUIMARÃES-FILHO, Z. (2007). *Análise quantitativa da frequência dos fonemas e estruturas silábicas do português*. Estudos Lingüísticos XXXVI (1), Araraquara. p. 27-36. <http://www.ge1.org.br/4publica-estudos-2007/sistema06/02.PDF>

WETZELS, W. L. (1991). Harmonização Vocálica, Truncamento, Abaixamento e Neutralização no Sistema Verbal do Português: Uma Análise Auto-segmental. in *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 21, 25-58.

_____. (1992). Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 23, 19-55.

WILLIAMS, E. (1975). *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.